

# Críticas ao projeto são rejeitadas

CESAR BORGES

Da editoria de cidade

Como resultado do vício de receber tudo já pronto, com decisões e definições tomadas, o brasiliense está se deixando levar por esta tendência sem aproveitar para discutir, debater e participar de algo que pode depender exclusivamente de sua aprovação, como é o caso da reformulação da avenida W/3 Sul.

Este é o desabafo do arquiteto Antônio Carlos Gomes, autor do projeto que pretende "revitalizar a W/3 Sul". Um projeto mal-interpretado, porque pouco conhecido, por uma série de pessoas que estão se manifestando contra, sem ter fundamento para tanto.

Antônio Carlos reclama que a maioria das pessoas que estão criticando o seu projeto de alteração da W/3 dirige sua crítica para o lado comercial; como se a preocupação do arquiteto, com seu projeto, fosse promover a especulação imobiliária naquela área, ou tirar proveitos comerciais de sua proposta. Outros, mais bem-intencionados, acham que a parte ecológica do projeto está mal colocada, ou mal resolvida.

Duas coisas estão sendo mal percebidas por quem está se manifestando contra seu projeto, destaca o arquiteto. Uma delas, é que o projeto foi encomendado por uma entidade de classe de Brasília, com base numa pesquisa feita pelo Centro de Assistência Gerencial à Pequena e Média Empresa do Distrito Federal — a CEAG-DF. "Não é uma sacação de quem está de folga e não tem o que fazer", afirma.

Antônio Carlos Gomes diz também que o trabalho foi resultado de um contrato assinado entre ele, como arquiteto profissional, com escritório estabelecido e funcionando na cidade e a Associação Comercial do Distrito Federal, "o que também está sendo esquecido pelas pessoas", diz ele.

## CULTURA

Com relação ao que é mais importante no projeto, diz o arquiteto, ninguém está discutindo: que é a parte cultural da proposta. Segundo ele, o aspecto mais importante de seu trabalho é pretender criar um lazer, um espaço cultural e um ambiente de convivência social que a cidade não tem. É claro que sem discussão e debate não se enxerga tal proposição no interior do projeto. Todos estão mais preocupados em preservar algo que hoje não serve para nada — como é o caso da W/3 como ela está hoje — de um projeto original, onde sequer a avenida fazia parte em sua concepção.

Ainda na parte cultural, o espaço proposto pelo arquiteto pretende servir para que a própria história do Brasil e de Brasília seja ali retratada, sob a forma de monumentos, desenhos, ou o que for preciso. A possibilidade de se ter uma grande calçada ornamentada, florida, arborizada, com bancos, galerias, casas de chá, teatros, cinemas, bares e restaurantes com mesas na calçada, ou seja, um grande ponto de encontro horizontal, como chama Antônio Carlos, não está passando pela cabeça de ninguém.

A preocupação com as árvores existentes hoje no canteiro central da avenida também está cogitada no projeto. "Só quem leu sabe. A idéia é transplantar todas as que forem possíveis; e oitenta por cento das árvores podem ser transplantadas", disse o arquiteto.

## "A proposta não é fechada"

Outra preocupação: com relação ao uso de parte do espaço verde das quadras de moradia, o que é uma preocupação procedente, Antônio Carlos lembra que o projeto prevê apenas um remanejamento no estacionamento existente, para possibilitar que a W-2 tenha também frentes de loja, como na W-3, e não fundos de oficinas e garagem mal arrumadas.

"O projeto, tal como está, não é um projeto fechado. Não foi concebido como única verdade, principalmente numa época em que de verdade únicas estamos cheios. A idéia serve de "ingrediente para um grande plano", e deve ser recebida pela comunidade como uma proposta para ser discutida, analisada e até reformulada; mas com nível e seriedade," enfatizou Antônio Carlos.

Por exemplo, encarar a situação atual da avenida — abandonada, feia, assustadora à noite, mal policiada, porque mal utilizada, etc — já parece ser uma atitude consciente de quem vive esta cidade. Seja arquiteto, jornalista, funcionário do GDF, ou simples habitante com outros afazeres.

Pensar que a W-3 possa vir a ser uma avenida com concentrações de comércio especializado, como ocorre com a 109 Sul — com suas lojas de iluminação, eletricidade e peças de rádios e TV — como algumas outras entre quadras, é algo que demonstra um tipo de preocupação com o espaço em questão. Mas não leva em conta que essa especialização concentrada — bem no espírito de Brasília — vem ocorrendo de maneira espontânea e saudável na própria W-3, já que facilita a escolha de quem sai para comprar coisas em seis quilômetros de avenida.

"Interessante notar, que também este aspecto está citado no projeto, como elemento destacado na pesquisa feita". Concluindo, segundo o arquiteto, outros aspectos também estão no projeto, e precisamos, de fato, é discuti-lo mais.